



CRISTIANISMO E LIBERALISMO

Marcello de Aguiar Tavares¹

MACHEN, J. Gresham. *Cristianismo e Liberalismo*. Edição centenária comentada. São Paulo: Pilgrim, 2023. 288 p.

O escritor italiano Ítalo Calvino publicou certa vez o livro *Por que ler os clássicos*,² no qual define como clássica a obra “que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”. Essa definição, ainda que ampla, é bastante convincente, pois permite que o conceito de “clássico” se estenda para além da Antiguidade, abarcando textos que, mesmo recentes, continuam a dialogar com o presente e a provocar novas leituras. Nessa perspectiva, *Cristianismo e Liberalismo*, de J. Gresham Machen, enquadra-se perfeitamente como um clássico moderno. Embora tenha apenas um século de existência – e não milênios, como os textos de Homero ou Sófocles –, a força de sua argumentação permanece atual, tanto quanto o era no contexto histórico de sua publicação original, em 1923.

Duas outras edições dessa obra já haviam sido lançadas no Brasil: uma pela Editora Os Puritanos e outra pela Shedd Publicações. A edição mais recente, publicada pela Pilgrim/Trinitas, apresenta, entretanto, características que a distinguem das anteriores. Trata-se de uma edição comemorativa, concebida em celebração aos noventa anos do Westminster Theological Seminary (2019) e ao centenário da primeira edição do livro (2023). Além do texto integral de Machen, essa versão inclui dezoito ensaios curtos escritos por professores do Westminster Seminary, na Pensilvânia, que interagem criticamente com os capítulos da obra original. Entre esses autores, vários já são conhecidos do público brasileiro por obras traduzidas e publicadas no país, como Chad Van Dixhoorn, Peter A. Lillback,

¹ O autor é ministro da Igreja Presbiteriana do Brasil, graduado em Psicologia (UEMG/INESP) e em Teologia (Seminário Presbiteriano Rev. Denoel Nicodemos Eller), mestrando no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (programa STM). Professor na FITRef e no Seminário Presbiteriano Rev. Denoel Nicodemos Eller.

² CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo, SP: Companhia de Bolso, 2009, p. 11.

William Edgar, K. Scott Oliphint, Alfred Poirier, R. Kent Hughes, Iain Duguid, Jonathan Gibson, G. K. Beale e Vern S. Poythress.

O prefácio, assinado por Kevin DeYoung, já indica o ponto nevrálgico da tese de Machen: o termo mais importante do título *Cristianismo e Liberalismo* é a conjunção “e” (p. 9). Essa pequena palavra carrega um abismo conceitual, pois o autor defende que a religião liberal não é uma expressão legítima do cristianismo, mas outra religião. O objetivo central de Machen, portanto, é demonstrar que entre o cristianismo histórico e o liberalismo teológico há uma ruptura irreconciliável. Seu esforço foi advertir a igreja de sua geração sobre essa diferença essencial – uma diferença que, se ignorada, conduziria inevitavelmente à diluição da fé bíblica.

John Gresham Machen (1881–1937) foi professor do Seminário de Princeton e ministro presbiteriano vinculado inicialmente à Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUSA). Formou-se em Teologia em 1905 e, logo em seguida, realizou estudos na Alemanha, onde entrou em contato direto com o liberalismo teológico por meio de mestres influentes como Adolf Jülicher, Johannes Weiss, Wilhelm Herrmann e Wilhelm Bousset. A experiência foi intelectualmente marcante e espiritualmente desafiadora. O confronto com essas ideias o levou a uma crise teológica profunda, da qual emergiu fortalecido após retornar aos Estados Unidos. Gradualmente, sob a influência de teólogos ortodoxos como B. B. Warfield e Francis Patton, Machen compreendeu a extensão dos danos provocados pela teologia liberal dentro de sua denominação e no próprio Seminário de Princeton.

A partir de 1910, os debates da controvérsia modernista-fundamentalista tornaram-se o pano de fundo da reflexão de Machen. Nesse contexto, ele consolidou-se como um dos principais representantes da teologia reformada conservadora, herdeira da tradição doutrinária de Princeton. Entretanto, enfrentou crescente oposição de dois grupos: os moderados – que priorizavam a unidade institucional – e os liberais – que buscavam adaptar a fé às exigências do espírito moderno. Enquanto os primeiros consideravam exageradas as críticas dos conservadores, os segundos, de modo estratégico, avançavam em posições-chave dentro da igreja e das instituições de ensino. Com o passar do tempo, os conservadores tornaram-se minoria, o que levou Machen, em 1929, a romper com Princeton e fundar o Westminster Theological Seminary, seguido da criação da Igreja Presbiteriana Ortodoxa (OPC) em 1936.

A edição centenária publicada pela Pilgrim apresenta, antes do texto de Machen, um conjunto de seções introdutórias que contextualizam a obra. Há um prólogo de Peter A. Lillback – presidente do Westminster Seminary na ocasião –, uma introdução à edição comemorativa redigida por David B. Garner, agradecimentos e um prefácio editorial. Só então o leitor encontra o texto integral de Machen, estruturado em sete capítulos: Introdução; Doutrina; Deus e o ser

humano; Bíblia; Cristo; Salvação; e Igreja. Em cada um deles, o autor contrasta a fé cristã histórica com o sistema liberal, demonstrando que, embora usem terminologias semelhantes, tratam-se de realidades teológicas distintas e inconciliáveis. Após esses capítulos, seguem-se os dezoito ensaios dos professores do Westminster, os quais expandem e atualizam as discussões à luz do contexto contemporâneo.

No capítulo introdutório, Machen sustenta que o liberalismo e o cristianismo são sistemas de pensamento fundamentalmente diferentes, ainda que compartilhem certas expressões vocabulares. Segundo ele, o liberal usa as palavras da tradição cristã, mas esvazia-lhes o sentido. Essa dissonância semântica é a marca de um movimento que, sob o pretexto de atualização, substitui a fé histórica por um produto cultural moldado pelo racionalismo moderno (p. 32). Machen percebe que o liberalismo teológico é fruto direto do clima intelectual da era industrial e de sua confiança ilimitada na ciência e no progresso. A crítica moderna ao passado leva ao desprezo pela autoridade das Escrituras e das confissões históricas da igreja. Van Dixhoorn, em seu ensaio, ressalta que Machen reconheceu o valor da história da redenção: ao contrário da fé liberal, o cristianismo bíblico é uma religião de fatos divinos ocorridos no tempo e no espaço. Negar essa dimensão histórica equivale a reduzir a fé à mera subjetividade individual.

O segundo capítulo trata da importância da doutrina. Machen observa que os liberais se mostram hostis à formulação doutrinária, preferindo uma religião “de experiência” que não ofenda as sensibilidades científicas (p. 46). Todavia, ao afirmar que todos os credos são verdadeiros, acabam por tornar todos igualmente falsos (p. 47). Para Machen, a fé cristã repousa em proposições reveladas por Deus na história – fatos acompanhados de interpretação divina. “Deus apresenta em sua Palavra os fatos dados na história e o significado dos mesmos” (p. 58). John Currie, comentando esse ponto, observa que Machen insiste em que o cristianismo, diferentemente do liberalismo, é uma religião fundada em doutrina claramente revelada nas Escrituras (p. 215). O Cristo que a igreja proclama é uma pessoa real e histórica, não um símbolo de fé ou um arquétipo moral, como sustentam os liberais (p. 217).

No terceiro capítulo, Machen analisa as doutrinas de Deus e do ser humano – os dois grandes pressupostos do evangelho (p. 79). Para ele, a Bíblia apresenta Deus como o Criador soberano e pessoal, enquanto o liberalismo O reduz a uma abstração moral. A ideia de uma “paternidade universal” de Deus, defendida pelos liberais, destrói a consciência da distância que separa o Criador da criatura (p. 84–87). Sem a percepção do pecado, o homem passa a confiar em sua própria bondade, anulando a necessidade da graça. A restauração dessa consciência depende da proclamação da lei divina e da ação do Espírito Santo, que convence o ser humano “do pecado, da justiça e do juízo” (p. 91). R. Kent Hughes observa,

em seu ensaio, que o liberalismo reduz Jesus a um simples exemplo de fé, e, se assim for, “não há mais razão para missionários apelarem aos povos a serem no único Redentor, o Salvador suficiente” (p. 228–229).

No capítulo seguinte, Machen discute a natureza e a autoridade da Bíblia. Para ele, as Escrituras não são apenas um documento religioso antigo, mas o registro da revelação de Deus ao homem. Embora reconheça a revelação geral, ele afirma que apenas a revelação especial torna possível ao pecador conhecer o caminho da reconciliação com Deus (p. 93–94). Aos críticos que rejeitam depender de um livro “antiquado”, Machen responde que a verdadeira experiência cristã não é autônoma, mas depende inteiramente de um evento externo: o sacrifício vicário de Cristo. A experiência confirma a Escritura, mas jamais a substitui (p. 95–96). Iain Duguid acrescenta que o “novo” do Novo Testamento não é o evangelho em si – anunciado desde o Éden –, mas o cumprimento definitivo das promessas divinas em Cristo, em quem todas as coisas encontram o seu “sim e amém” (p. 246).

No capítulo 5, o autor confronta a ideia liberal de que Jesus foi o “primeiro cristão” e o fundador do cristianismo (p. 107). Tal concepção, observa Machen, é teologicamente absurda, pois o cristianismo existe para redimir o homem do pecado, e Jesus não tinha pecado algum. “A religião de Cristo é a religião do paraíso, uma religião de filiação ininterrupta” (p. 113), distinta da religião do homem decaído. Assim, o cristianismo é a restauração da comunhão entre Deus e o homem, por meio do Filho. Vern Poythress destaca, em seu comentário, que o contraste entre cristianismo e liberalismo reflete, em última instância, dois sistemas hermenêuticos completamente diferentes (p. 278).

No capítulo 6, Machen aborda a questão da salvação. Para o liberalismo, a salvação é descoberta no interior humano; para o cristianismo, é concedida por um ato soberano de Deus (p. 135). Daí a exigência de “devoção absoluta e exclusiva a Jesus” (p. 140). Brandon Crowe reforça que Jesus não pode ser reduzido a um mestre moral, pois Ele reivindicou ser o próprio agente da salvação (p. 273). O escândalo do evangelho reside justamente nisso: Deus se fez homem e, em Cristo, realizou a redenção. Essa verdade transcende qualquer ideal ético e confronta a tentativa liberal de transformar a fé cristã em mera moralidade humanista.

Por fim, no capítulo 7, Machen reflete sobre a igreja, que descreve como “a mais elevada resposta cristã às necessidades sociais do ser humano” (p. 173). Essa afirmação o coloca em conflito direto com o “evangelho social” dos liberais. Alfred Poirier recorda que Machen lamentava não tanto os membros da igreja, mas os próprios ministros “heterodoxos” (p. 223), cujo ensino desviava o rebanho da verdade bíblica.

Algumas críticas podem ser feitas à obra. A primeira diz respeito à sua concentração no contexto norte-americano e presbiteriano, com pouca interação

com o liberalismo europeu. A segunda refere-se ao tom defensivo que permeia o livro. Por essas razões, *Cristianismo e Liberalismo* pode ser lido como uma obra de forte caráter apologético, em que a defesa da fé assume prioridade sobre a análise comparativa. Além disso, críticos posteriores argumentaram que o espírito combativo do fundamentalismo norte-americano herdou, em parte, o tom militante de Machen.

Entretanto, tais críticas não diminuem o valor duradouro da obra. Ao contrário, tornam evidente sua atualidade. Em uma época marcada pela relativização doutrinária e pela primazia da experiência subjetiva, a leitura de Machen reacende a consciência de que a fé cristã é essencialmente confessional e objetiva. *Cristianismo e Liberalismo* continua sendo um chamado urgente para que a igreja mantenha firme a confissão bíblica, reconheça a centralidade da obra redentora de Cristo e não se deixe seduzir por substitutos ideológicos que, embora utilizem a mesma linguagem, pregam outro evangelho.

Assim, a obra de Machen permanece como um clássico necessário. Mais do que um registro histórico, ela é um alerta profético dirigido à igreja contemporânea, lembrando-a de que a fidelidade à verdade revelada é sempre o preço da liberdade cristã.

